

A posse e o uso de celulares e computadores pelas famílias, que se expandiram grandemente no período, foram consideradas no estudo dentro do potencial do produtor como investimento - e não como consumo. Também são considerados no cálculo do potencial do produtor a inserção no mercado de trabalho, o nível de educação dos membros da famílias, a família dos filhos em escolas públicas e privada e o investimento em previdência (pública e privada).

De acordo com Néri, "sementes plantadas na década de 90, como a estabilização, as reformas e o aumento do acesso à educação" podem ter influído para o aumento do potencial de geração de renda pelas famílias nesta década. (Leia mais no Estadão)

Desigualdade caiu menos com entrada no mercado de trabalhador sem renda

Depois de ver a desigualdade no mercado de trabalho brasileiro cair 2,4% em 2007, os números de 2008 frustraram. A queda no Índice de Gini, que mede a concentração de renda e quanto mais perto de zero mais igualitária é a sociedade, foi de 1,3% e trouxe a pergunta: o que aconteceu para diminuir o ritmo no caminho da igualdade? Os especialistas ainda estão cruzando dados para responder com exatidão a essa pergunta, mostra reportagem do Globo, nesta terça-feira.

Uma das explicações é a melhora no mercado de trabalho, com o aumento de 2,5 milhões no número de ocupados, fazendo a taxa de desemprego despencar de 8,1% para 7,1% . Para o economista Marcelo Neri, da Fundação Getulio Vargas (FGV), o mercado gerou muito emprego e incluiu trabalhadores sem renda, os mais pobres.

Leia também: Entre 2003 e 2008, 31 milhões de brasileiros subiram de classe social

- Isso gera efeitos na medição da desigualdade. Quando essas pessoas são absorvidas pelo mercado, faz a desigualdade cair mais devagar - diz ele, lembrando que os salários oferecidos, nesse caso, são menores.

E a Pnad mostrou isso, o número de trabalhadores sem remuneração caiu 13,2%, o que representou menos 701 mil pessoas nessas condições.

Neri usa a renda domiciliar per capita, incluindo as pessoas sem

renda (e não inclui ganhos do trabalho), e nessa medida o Índice de Gini está caindo na mesma proporção: 1,3% em 2007 e 1,15% em 2008 (Leia mais em O Globo)

Previsão de investimentos começa a retomar níveis pré-crise, diz BNDES

Estudo do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) mostra que as perspectivas de investimento no país até 2012 estão retomando níveis pré-crise e alguns setores já estão à frente das estimativas de agosto do ano passado. Continua a sinalização de expansão puxada por projetos de energia e infraestrutura.

O total de investimentos previstos em agosto de 2008 para o período de 2009 até 2012 era de R\$ 781 bilhões, tendo caído para R\$ 688 bilhões no auge da crise, considerado pelo estudo em dezembro de 2008. Já em agosto deste ano o patamar voltou a subir e atingiu R\$ 731 bilhões.

No caso da indústria, as incertezas ainda persistem e a retomada do padrão anterior à turbulência depende da recuperação econômica mundial, tendo em vista a fatia importante da exportação no setor industrial brasileiro. A previsão de investimentos do setor era R\$ 239 bilhões ante da crise, tombou para R\$ 159 bilhões em dezembro e continua nesse patamar.

De acordo com o estudo, a previsão de investimentos em energia elétrica, por exemplo, se sustentou em R\$ 119 bilhões tanto em agosto de 2008, como no auge da crise, em dezembro passado. As últimas consultas foram feitas em agosto deste ano e apontaram para o mesmo número.

No segmento petróleo e gás a expectativa de investimento se ampliou por conta dos projetos voltados para a exploração do pré-sal. De R\$ 270 bilhões previstos em agosto e dezembro do ano passado, a estimativa passou a R\$ 287 bilhões agora.

No setor de telecomunicações houve retração de R\$ 2 bilhões na expectativa, que era de R\$ 55 bilhões em ante da crise e passou a ser de R\$ 53 bilhões em dezembro, como em agosto deste ano.

Já em saneamento, as previsões passaram de R\$ 37 bilhões em agosto do ano passado para R\$ 40 bilhões em agosto deste ano. A